

<b>Título</b>	Cristiano Lenhardt: Monumentos ociosos, radiadores arranhados	<b>Autor</b>	Tiago Mesquita
<b>Data</b>	2014	<b>Artista</b>	Cristiano Lenhardt
<b>Publicação</b>	MESQUITA, Tiago. <i>Cristiano Lenhardt</i> . São Paulo: Galeria Fortes Vilaça, 2014.		

---

## CRISTIANO LENHARDT: Monumentos ociosos, radiadores arranhados

Tiago Mesquita

### 1) futuro

A produção mais recente de Cristiano Lenhardt lida, entre outras coisas, com a apropriação de objetos obsoletos e peças avariadas, com o uso de padrões gráficos e com formas delicadas de cobrir e revelar a luz. Até agora, eu conhecia os seus trabalhos de maneira esparsa. Vi uma individual com objetos, alguns filmes em coletivas, litogravuras em diferentes mostras. Não se percebia um sentido forte de conjunto. Os trabalhos por vezes eram narrativos, por vezes não, estabeleciam diferentes relações com a cultura e conversavam com variadas formas de produção de imagem. No caso, isso parece uma virtude. A força mora na inquietação do artista. Na sua capacidade de produzir peças tão variadas usando um vocabulário relativamente simples.

As formas geométricas, frequentes em seu trabalho, ganham usos distintos. Podem se tornar padrões de roupas e gravuras, um modo de controlar a emissão de luz de eletroeletrônicos e inspiração para esculturas construtivas. Mesmo assim, como se trata da obra de um artista só, é comum acharmos recorrências aqui e ali. Não se trata de uma poética estruturada, mas de interesses que se revelam com maior ou menor evidência em cada trabalho.

Nos últimos anos, a geometria assumiu, frequentemente, um sentido gráfico. Vemos um esforço para lidar com padrões e inverter a sua organização rígida. O artista sobrepõe padrões, intervém sobre eles, mostra o desgaste deles.

Sobre objetos gradeados e papéis dobrados em uma determinada ordem, o artista faz intervenções delicadas, quase nada: é uma leve incisão aqui, um arranhado acolá, uma impressão que não se encaixa totalmente no vinco que deveria colorir. Por vezes, a ação do artista se parece mais com um acidente, com um desgaste. Mas o que parece perder o vigor são estruturas solenes, impositivas.

Curiosamente, em trabalhos diferentes, narrativos, algo dessa fragilidade se revela. Talvez seja um interesse inconsciente. Por exemplo, há algum tempo, o artista encenou solenidades de maneira tocante. Nelas, gestos rígidos se revelam mais frágeis do que pareciam.

### 2) passado

Em 2006, no alto do edifício Copan, em São Paulo, Cristiano Lenhardt encenou o hasteamento de uma bandeira. Fez tudo como manda o figurino. Acompanhado apenas do trompetista, que executava a trilha marcial da cerimônia, ele puxava a corda

<b>Título</b>	Cristiano Lenhardt: Monumentos ociosos, radiadores arranhados	<b>Autor</b>	Tiago Mesquita
<b>Data</b>	2014	<b>Artista</b>	Cristiano Lenhardt
<b>Publicação</b>	MESQUITA, Tiago. <i>Cristiano Lenhardt</i> . São Paulo: Galeria Fortes Vilaça, 2014.		

---

do mastro e içava com vagar a flâmula que tremulava ao vento. Solenemente, mas sem quartel, sem palanque, sem uniforme e sem plateia. Também sem tentar iludir ninguém. O artista colocava a bandeira no alto como uma atividade corriqueira.

Daí saiu um filme: *Copan - Ao Vivo*. E feita imagem, aquela encenação ampliou o seu sentido. Percebia-se que não se tratava apenas de um evento cívico farsesco, mas da imitação de sua transmissão televisiva. Com planos solenes, contraplanos de uma não-audiência compenetrada e todas as outras convenções que associamos a uma celebração do gênero, tão cara a professoras de OSPB<sup>1</sup> e militares reformados.

Aquela recriação capenga remete às cerimônias que costumávamos ver de manhã, na televisão, durante feriados como o Sete de Setembro. Aqueles programas monótonos que abriam o dia. Tenho a impressão de que esse tipo de transmissão deu uma nova forma à solenidade. Diante da câmera, hasteamentos ocorridos nas escolas, quartéis, praças e comícios ganharam outra *mise-en-scène*. Todo um protocolo que envolvia o repertório musical a ser executado, o porte dos corpos a se devotarem à bandeira e a seriedade que tudo isso exigia. Era uma estrutura, uma estrutura rígida a submeter todos os seus participantes. Um enquadramento adequado dos corpos era outra prerrogativa. Víamos somente o que importava, as margens deveriam ser ignoradas. No entanto, no filme de Lenhardt, como em boa parte de seu trabalho, a estrutura que organiza os elementos está lá, mas os elementos são frágeis, delicados. Aqui, os elementos são os sons, os atores, a cena. Vemos só margens.

E vemos pelo modo como a encenação é conduzida, mas mais ainda pela relação do hasteamento com a câmera. Ao invés de se concentrar em uma cena grandiosa, apartada do mundo comum, a câmera a coloca em um mundo confuso. A imagem não se foca em um acontecimento, mas inclui o acontecimento como uma ação entre outras na cidade. O filme retira o hasteamento de uma espécie de palco italiano e o relaciona com o lugar onde ele acontece. Inclui o som da rua e da atmosfera na encenação.

A imagem que relaciona a ação com o seu contexto, ela que transforma alguns espaços distantes do hasteamento em seu cenário, ela que converte os prédios, objetos, vento em personagens. Em outras palavras, permite colocar a cena em perspectiva. Um gesto tão pomposo e carregado de circunstância, embora executado sem preocupação ilusionista, quando colocado ao lado de outras coisas muda de sentido. O espaço perspectivo não é outra coisa senão um espaço de relações proporcionais e geométricas. Onde percebemos algumas figuras maiores, outras menores, em relação. O evento se torna um quase nada. Sua escala é miúda perto das grandes construções. Seus sons são um fiapo perto do ruído da atmosfera e dos resíduos barulhentos de carro, que a rua deixa na imagem.

**Título** Cristiano Lenhardt: Monumentos ocios, radiadores arranhados  
**Data** 2014  
**Publicação** MESQUITA, Tiago. *Cristiano Lenhardt*. São Paulo: Galeria Fortes Vilaça, 2014.

**Autor** Tiago Mesquita  
**Artista** Cristiano Lenhardt



COPAN - AO VIVO, 2006  
Vídeo Digital | Digital Video | 4'

<b>Título</b>	Cristiano Lenhardt: Monumentos ociosos, radiadores arranhados	<b>Autor</b>	Tiago Mesquita
<b>Data</b>	2014	<b>Artista</b>	Cristiano Lenhardt
<b>Publicação</b>	MESQUITA, Tiago. <i>Cristiano Lenhardt</i> . São Paulo: Galeria Fortes Vilaça, 2014.		

---

À medida que a cena avança, o caráter de acontecimento extraordinário do hasteamento da bandeira, qualquer resíduo de seu sentido monumental, é soprado pelo forte vento lá do alto. Se visto muito de perto, o ato, ainda que frágil, ainda que pouco convincente do ponto de vista da verossimilhança, pode ser considerado solene. Inserido no meio de tudo aquilo, é um grão de areia no deserto. Perde completamente o seu significado. Nem mais cerimônia é. Nem mais monumento é. É um gesto entre outros. Tem o mesmo grau de solenidade do sujeito que faz sinal para o ônibus, repetidamente, em *looping*.

Como a inscrição na bandeira é AO VIVO, a cena parece ser um acontecimento no presente, sem a ambição de um marco histórico passado a ser reverenciado pelas próximas gerações, muito menos de preannunciar algum futuro. É tudo tão frágil. O figurino é de alguém que subiu na laje para pendurar a roupa lavada. A execução da música tem erros de respiração e algumas guinchadas (apesar dos belos floreios de nota). Tudo indica certa imperfeição, que se repete, como as coisas que fazemos todos os dias. É um presente perpétuo de gestos insignificantes.

O artista esvazia o sentido desse ritual. O que era monumental, torna-se ordinário. A solenidade, ou a marcha, parece demasiado banal para ser tratada como algo sério. O monumento se esfarela. Torna-se um gesto corriqueiro. A encenação tem graça por sua melancolia e por sua falta de sentido. Por mais que tente, aquilo não mobiliza paixões nem tem forte sentido cívico ou iconográfico. Na melhor das hipóteses, é uma brincadeira. A beleza da cena é a sua fragilidade.

### 3) presente

Esse processo está presente em muitos trabalhos de Cristiano Lenhardt. Em obras gráficas recentes, uma hora o artístico se mostra como uma quebra da simetria, em outras, como uma ferida na estrutura de um radiador. Mas é como se o artista não se empenhasse mais em segurar formas rígidas. Tanto as gravuras como os radiadores arranhados se apoiam em estruturas bem construídas, muitas vezes simétricas, que organizam o espaço. A sua intervenção é sugerir a possibilidade de relações que inventam um espaço dentro desse espaço de determinações estritas. Ele pode aparecer como formas coloridas que sugerem uma pintura construtiva, pode surgir como um desenho leve que desmente a assepsia de uma peça de carro.

Mas tudo é um pouco defeituoso, um pouco diluído. O que continua a dominar a construção das formas é a estrutura. É como se essa rigidez se diluísse em determinado momento, as formas pedissem uma espécie de descanso do ritmo imposto de antemão pelo planejamento.

Mas não o descanso revigorador, um descanso melancólico, de quem sente a dor nos braços depois de uma longa jornada de trabalho, o alívio de quem para após

<b>Título</b>	Cristiano Lenhardt: Monumentos ociosos, radiadores arranhados	<b>Autor</b>	Tiago Mesquita
<b>Data</b>	2014	<b>Artista</b>	Cristiano Lenhardt
<b>Publicação</b>	MESQUITA, Tiago. <i>Cristiano Lenhardt</i> . São Paulo: Galeria Fortes Vilaça, 2014.		

---

executar a mesma tarefa por muito tempo. Como a Tereza Batista de Jorge Amado, algumas dessas formas de Lenhardt parecem cansadas de guerra. E constroem outros espaços.

A partir de 2008, Cristiano Lenhardt começou a frequentar um ateliê de litografia. A partir de 2010, essa faceta gráfica tornou-se protagonista em sua produção. O uso de estampas, não necessariamente decorativas, aparece nos figurinos de seus vídeos, no seu modo de intervir em objetos como televisores e radiadores. Mais importante do que isso, ele passou a trabalhar seriamente em litografias sobre papel, em um esquema de trabalho no qual a regularidade e a irregularidade parecem conversar o tempo todo.

Aqui, novamente, o artista parte de estruturas muito marcadas que se relacionam com outras composições. Talvez, como nos ditos de Jasper Johns, seja um espaço dentro do outro, um espaço em cima do outro.

As suas litogravuras eram pensadas como dobraduras. O artista pensava uma forma, dividia o papel e o dobrava até conseguir que aquele retângulo ganhasse a forma previamente planejada. Transformado em um pequeno trapézio, por exemplo, o artista aplicava um padrão gráfico qualquer, usando a sua matriz rochosa. Só que, quando se abre a folha de papel, o colorido se dispersa. A folha mantém um padrão de vincos simétricos, construídos pela dobradura, e muitos espaços em branco a separarem a cor homogênea daquilo que foi uma forma geométrica regular.

Na área que estava branca, o artista encontra outra forma geométrica e imprime outro padrão ou outra cor. Quando se abria o papel de novo, notavam-se dois efeitos: um causado pelos vincos, outro pelas cores da impressão. Os traços resultantes da dobradura sugeriam um espaço desenhado, simétrico, organizado em formas geométricas, triangulares e retangulares. Essa seria uma espécie de grade que ocupa o papel. Essa estrutura costuma ser mais regular e determina um padrão de ocupação do espaço.

Como as formas coloridas parecem mais soltas. A relação entre um retângulo roxo e outro parece ser interrompida por um amplo espaço em branco. Esse espaço não segue as determinações previamente estabelecidas pelos vincos. Assim, entendemos relações espaciais outras ao relacionarmos as formas coloridas umas com as outras. Parece existir muito respiro entre as cores, enquanto existe uma ordem quase decorativa dada pelos vincos suaves do papel. Enquanto os vincos estabelecem regularidade, as cores inscrevem não padrões, mas espaços. Desmentem, portanto, a estrutura do gradeado.

Essa estrutura colorística assume as mais diferentes configurações. Por vezes, nos traz a impressão de que Cristiano Lenhardt, mesmo não sendo um artista construtivo, reze pela cartilha de procura da maior variação possível de relações em um repertório de formas muito enxuto.

<b>Título</b>	Cristiano Lenhardt: Monumentos ociosos, radiadores arranhados	<b>Autor</b>	Tiago Mesquita
<b>Data</b>	2014	<b>Artista</b>	Cristiano Lenhardt
<b>Publicação</b>	MESQUITA, Tiago. <i>Cristiano Lenhardt</i> . São Paulo: Galeria Fortes Vilaça, 2014.		

---

A distribuição do colorido, curiosamente, por vezes lembra os amplos espaços vazios deixados em algumas pinturas de Décio Vieira.<sup>2</sup> Espaços vazios não é um bom termo. Na verdade, as formas coloridas de Vieira às vezes eram distanciadas, de um modo curioso, por cores mais neutras. Embora o artista ocupasse o plano da tela de maneira regular, as formas tinham muitos intervalos entre elas, e esses lapsos eram devidamente marcados pela diferença de brilho dos matizes que preenchiam os espaços.

Essa distância sugere, em alguns momentos, um respiro, uma organização serial a conviver com outra mais sensível. Assim como notas mais dissonantes, podem ser separadas em uma composição por intervalos de silêncio ou por uma harmonia mais regular. Aqui as notas enfatizavam uma ordem mais afetiva, em oposição ao gradeado. Tal convivência nos trabalhos de Lenhardt, embora muito diferente, parece ter natureza similar.

De qualquer modo, o colorido, embora não escape da determinação formal da estrutura dada pelos vincos do papel, aponta nela distâncias e indica intervalos que nos fazem ver outras relações espaciais. É possível viver em outro ritmo que não aquele dado pela regularidade dos vincos. Penso em gravuras como *Azul marrom*, *Vermelho verde* e nas gravuras feitas com sobreposição de linhas.

Mas é importante frisar, tanto as cores como as linhas são frágeis. Não parece ser a sobreposição entre rigidez e maciez. Essa espécie de sobreposição de composições, no caso da gravura, entre vinco e cor, reaparece na produção do artista sobre objetos retirados de outra circulação. Aqui o seu caráter parece ainda mais revelador. Assim como o colorido é complementar aos vincos, mas sugere outras formas de experiência que não só o acompanhamento de uma estrutura, a intervenção sobre a superfície dos objetos também parece indicar algo parecido de maneira mais evidente.

São trabalhos mais simples. A complexidade das gravuras não é nem roçada pelo entendimento das estruturas de cor e linha como opostas e complementares. Mas hoje, o artista também aproveita materiais não artísticos para explorar suas propriedades formais. São televisores, radiadores de automóvel, lonas plásticas de vedação e equipamento de iluminação de boate.

Não sei muito bem por que, parece sucata. A aparência é de material obsoleto que a sociedade de consumo rejeitou. Os radiadores nos parecem assim por causa do aspecto de coisa gasta, de objeto danificado. Os televisores, por serem diferentes dos que encontramos nas lojas. Não são os equipamentos de ponta. Mesmo o equipamento de *laser*, embora nem esteja estragado nem seja velho, tem a aparência de brinquedo, de algo supérfluo.

Mas nenhum desses objetos é mostrado como bem de consumo, eles são superfícies onde o artista realiza suas intervenções delicadas. Os radiadores são exibidos tal como são encontrados. O artista não faz nenhuma intervenção neles. São planos

<b>Título</b>	Cristiano Lenhardt: Monumentos ociosos, radiadores arranhados	<b>Autor</b>	Tiago Mesquita
<b>Data</b>	2014	<b>Artista</b>	Cristiano Lenhardt
<b>Publicação</b>	MESQUITA, Tiago. <i>Cristiano Lenhardt</i> . São Paulo: Galeria Fortes Vilaça, 2014.		

---

divididos por linhas e espaços de respiração. Em perfeito estado, se mostrariam como uma espécie de estrutura serial perfeita. Mas aqui não é o caso. Eles estão manchados, arranhados, sujos. O desgaste sobrepõe àquela aparência industrial propriedades da ordem do gesto. Aqui a oposição é entre as marcas regulares que ordenam a peça e os traços irregulares que marcam o que a passagem do tempo fez àquela estrutura que se repete serialmente. Os traços são irregulares, imprevisíveis. A estrutura é precisa. Sobre tamanha ordem, surge outro ritmo, outra pulsação.

As televisões são mostradas menos como volumes e mais como planos. A tela é vedada por superfícies opacas que nos escondem seu brilho. Sobre elas, o artista faz incisões desenhando outros padrões, muito distintos do formato retangular da luz da tela. Como em trabalhos anteriores, o artista, com gestos mínimos, parece sobrepôr diferentes padrões de estampa, que fazem os objetos se comportarem de outra maneira. Depois de perder sua função, o seu uso, aqueles aparelhos finalmente podem ter um papel inesperado, encontrar, talvez, uma vocação.

Em um trabalho mostrado na Phosphorus, em São Paulo, em 2013, Cristiano dispôs duas máquinas de iluminação de boate por detrás de um anteparo retangular preto. A máquina se movia e colocava uma gama estridente de diversas cores a fazer os mais diversos padrões. No entanto, o anteparo ordenado permitia que víssemos muito pouco daquilo tudo. Tanto melhor.

O artista fez duas delicadas incisões, e aquele disparate luminoso rococó parecia a nós como linhas de luz que se transformavam a todo o tempo. A vedação era para não nos deixar ver nada; a iluminação, para nos perdermos em uma repetição de êxtases. A fresta é como um dia bonito, que não muda a ordem dos acontecimentos, mas nos faz perceber algo extraordinário.

O artístico de Cristiano Lenhardt opera mais nessa chave da experiência discreta e frágil que naquela do aspecto ostensivo da decoração. A vida segue modorrenta até que as paixões sejam despertadas. No seu trabalho, é por essas frestas que acontecem experiências extraordinárias. Assim, embora lide com formas objetivas, brutas, essa poética parece dizer respeito a intangíveis alegrias da intimidade.

---

1- OSPB (Organização Social e Política Brasileira) é uma disciplina implementada no currículo escolar brasileiro em 1962. Em 1969, durante a ditadura militar, ela se tornou obrigatória. Em tese, seria uma introdução ao estudo da realidade sociocultural brasileira; no entanto, a matéria foi comumente utilizada como veículo de propaganda ufanista. Desde 1991, não se leciona mais OSPB nas escolas do Brasil.

2- Décio Luiz Monteiro Vieira (1922-1988) foi um artista brasileiro do movimento neoconcreto. A articulação livre e delicada de formas geométricas coloridas permite aproximar sua pintura das litografuras de Cristiano Lenhardt.

**Título**  
**Data**  
**Publicação**

Cristiano Lenhardt: Monumentos ocios, radiadores arranhados  
2014  
MESQUITA, Tiago. *Cristiano Lenhardt*. São Paulo: Galeria Fortes Vilaça, 2014.

**Autor**  
**Artista**

Tiago Mesquita  
Cristiano Lenhardt



SOLENIIDADE DE HASTEAMENTO DA BANDEIRA "AO VIVO" NA BIENAL DO MERCOSUL, 2009  
Registro de apresentação realizada em 2009 | Documentation of event held in 2009